

vago gesto  
alheio

não metáfora se expondo  
dentro

o  
vôo

\*\*\*

com o olho de água sem forma a poça mas sem a chuva  
ou retalho uma luz viva onde todos éesses cabem,  
desde que a matéria não seja lama nem argila  
e claro o líquido instante onde ele também se vê.  
Algo incapaz de prender entre seus dedos relevo  
com o qual abre-se o espaço em tantas estações várias  
mesmo a face será nova sobre fundo azul nem branco  
do qual desprende-se firme – quando mergulha turvará.  
Então o fuoco de novo do olho de água sempre pronto  
para as mãos desocupadas esculpindo o convexo ofusco o  
côncavo livrar aquele, também este, este, este

\*\*\*

lavorar não com barro nem lama  
assim com a água desta poça

acordo de um olho e outro olho  
desdobrados em outros demais

por onde peixes e levagantes  
entre velocinos e vermelhos

sobre fundo azul nem branco lua  
revolta e apagada por um susto

\*\*\*

o texto colocado na extensão da mesa  
estabelece um oscilar que ficará  
entre fúcsia branco vermelho e possível vinagre

dimensões deste prisma com voz circunflexa  
distribuída em cacos não de vidro nem claros-  
escuros apenas

o  
argueiro

\*\*\*

(o cheiro  
da ameixa

varre  
o campo  
e a queixa

– *trecho de cantiga para ser lido após)*

\*\*\*

o pássaro  
sabe  
o canto  
dentro  
do  
espaço

o espaço  
ou expansão  
do olho  
d'água  
dentro  
do  
qual  
o  
céu

naufrágio  
e  
vau

*amazing* (o: título

assinatura: Moacir Amâncio?)

\*\*\*

Nó que se renova  
em cada seu, ponto  
o nenhuma cor.

O azul não resiste,  
recolhe-se pronto  
mais algumas dunas.

O pomo da terra,  
nó que se recolhe  
a poça – transborda.

\*\*\*

a areia persiste  
sob o vento o crespo

as algas recolhem  
ésses movimentos